



Genildo Santana*

RESUMO

Nesse artigo analisaremos os ataques feitos à Educação à luz da obra *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos, mais precisamente do capítulo 9, onde está descrita a morte da cadela Baleia. O tiro foi dado em Baleia a partir de um falso diagnóstico de que ela estaria “doente”. Diagnóstico semelhante foi feito à educação brasileira, tida como “doente”. Diagnóstico indutivo, e não dedutivo. E também se atirou sobre ela. Assim, traçamos um paralelo entre o tiro dado em Baleia e o tiro dado na Educação nos dias atuais.

Palavras-chave: Baleia. Disparos. Educação.

La educación cam (con) ballena: una lectura de la educación actual a la luz de Ballena, de la novela *Vidas secas*, de Graciliano Ramos

RESUMEN

En este artículo analizaremos los ataques a la educación a la luz de *Vidas Secas*, del escritor de Alagoas Graciliano Ramos, más precisamente del Capítulo 9, donde se describe la muerte de la perra Ballena. El disparo fue disparado a Ballena por un falso diagnóstico de que estaba “enferma”. Se hizo un diagnóstico similar a la educación brasileña, considerada como “enferma”. Diagnóstico inductivo más que deductivo. Y él también se arrojó sobre ella. Por lo tanto, trazamos un paralelismo entre la inyección administrada en Ballena y la inyección administrada hoy en la educación.

Palabras-clave: Ballena. Disparos. Educación.

A educação cam (com) Baleia: uma leitura da educação atual à luz de Baleia do romance *Vidas secas* de Graciliano Ramos

Kairós: Revista Acadêmica da Prainha

ISSN: 1807-5096

e-ISSN: 2357-9420

Fortaleza,

v. 21, n. 2, 2025

* Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) no *Campus* Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em Campina Grande, PB. É professor da Rede Particular de Ensino em Tabira e da FASP (Faculdade do Sertão do Pajeú) de Afogados da Ingazeira. E-mail: genildowiller@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0147322202912869>.

1 Introdução

A partir da ascensão do radicalismo no Brasil, mais precisamente com a eleição de 2018, a Educação vem sofrendo ataques e críticas. Os vários Ministros da Educação em Governo de 2018 a 2022 não direcionaram políticas positivas para a pasta. Ao contrário. Atacaram-na de todas as formas possíveis, inclusive com falaciosos argumentos. Não obstante as greves da classe estudantil organizada, com apoio de parcela da população e do corpo docente, a Educação, nos dias atuais, cambaleia. Cambaleia, mas não cai.

Uma característica dos regimes fascistas do passado, das ditaduras militares, dos regimes absolutistas é atacar a Educação, alvo predileto dos governos ditatoriais. Não causa estranhamento, portanto, os ataques recentes feitos à Educação, uma vez que, mesmo sendo eleitos democraticamente, boa parcela dos políticos, notadamente os chamados de “direita”, têm dificuldade em dialogar com os que lhe são diferentes e, mais ainda, opositores. E tendem a tratar os que ousam pensar, como inimigos.

Assim, um tiro é dado na Educação. O tiro do demérito, da desqualificação, um ataque *ad hominem*¹. Não se criticam as teses, os artigos ou dissertações pelas ideias nelas contidas. Criticam-se as teses, dissertações, os artigos, numa desqualificação moral dos seus produtores, dos fazedores de ciência e Educação. Esse é o tiro que se dá na Educação e com ela, na Filosofia, mais precisamente.

Os inimigos da Educação, os detratores do saber, são os mesmos inimigos da democracia, do debate, da tese contrária. Não suportam ver seus argumentos contrariados pela *Razão Elucidativa* ou *Demonstrativa*. Temem ver a demolição de suas arcaicas e frágeis teses, que não se sustentam em um mundo civilizado, emancipado. Essa talvez seja a maior razão do ataque feito à Educação em toda a história, e mais precisamente, nos últimos tempos.

Por posição política, não mancharemos nosso texto nominando alguns dos muitos irresponsáveis por esse ataque. O que não empobrece, ao menos ao nosso entender, a reflexão aqui apontada e os paralelos aqui traçados. Damo-nos apenas o direito de nos insurgimos contra tal ataque. Tal gesto – o ataque à Educação – desonra

¹ *Argumentum ad hominem* é uma falácia identificada quando alguém procura negar uma proposição com uma crítica ao seu autor e não ao seu conteúdo. A falácia ocorre porque conclui sobre o valor da proposição sem examinar seu conteúdo. É o que acontece em debates acalorados, onde a razão não mais reside.

quem o pratica. Por isso, em atitude política não os nominamos, no muito falamos, ao longo do texto, em inimigos da Educação.

Analisaremos esse tiro ou esses ataques à luz da cadela Baleia, personagem de Graciliano Ramos. A descrição que Graciliano Ramos faz do ocorrido com Baleia pode nos ajudar a pensar o que acontece com a Educação ou deseducação dos que se insurgem contra as Universidades e com o pensamento livre.

Que pensemos o quanto somos humanos e o quanto essa humanidade está em jogo e corre risco de extinção nos tempos nos quais vivemos. Os ataques à Educação são o reflexo maior dessa desumanização ora em curso.

2 O diagnóstico de Baleia

Uma bela – e triste – passagem da literatura brasileira está escrita no capítulo 09 de *Vidas Secas*², de Graciliano Ramos: a morte da cadela Baleia. Baleia leva um tiro de seu dono, Fabiano, que supõe que ela esteja doente. Não tem evidência nenhuma. Nada prova que ela realmente esteja doente. Fabiano induziu sua doença pelos poucos sinais que Baleia apresentava. Estava magra, o pelo caíra, as costelas mostravam os ossos, ela supurava e sangrava.

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beijos dificultavam-lhe a comida e a bebida (Ramos, 2024, p. 64).

Esses sinais bastaram para o diagnóstico: Baleia estava doente. E doença séria: hidrofobia – doença viral aguda, progressiva e mortal – e isso era perigoso. Popularmente, Baleia pegara “Raiva”. Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofobia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados.

² *Vidas Secas* é o quarto romance do escritor brasileiro Graciliano Ramos, escrito entre 1937 e 1938, publicado originalmente em 1938 pela editora José Olympio. A obra se insere no Regionalismo, Movimento que revelou nomes como José Lins do Rego, Jorge Amado e Raquel de Queiróz. O movimento literário da Geração de 30 (ou segunda geração modernista) é marcado pelo entrelaçamento entre o discurso literário com o discurso sociopolítico, onde problemas do Nordeste brasileiro – principalmente a seca, o abandono, e a violência – são representados nas páginas dos romances.

Diagnosticada, Fabiano não vê outra solução: tem que sacrificar Baleia. Seu gesto, *a priori*, era de bondade. Queria abreviar-lhe as dores. Ao olhar dos dois filhos – que, diferentemente de Baleia, não têm nome, sendo chamados ao longo do romance de “O menino mais velho” e “O menino mais novo” –, Fabiano era cruel. Mas, para Fabiano, tratava-se de um gesto de amor. Sacrificar Baleia seria abreviar-lhe os sofrimentos futuros. Não sem dor, se arma e vai em busca de Baleia.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a, limpou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito. Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

- Vão bulir com Baleia? (Ramos, 2024, p. 64).

Todos sofrem com o destino de Baleia, humanizada em Graciliano Ramos. Baleia não é uma cachorra. É um membro da família. Esse era o sentimento de todos, mais precisamente dos dois filhos de Fabiano. Baleia era, aos seus olhos, uma amiga, uma companheira de igual infortúnio que, semelhante a eles, tivera a desdita de nascer naqueles ermos de sertões, naquelas “terras de ninguém” que os coronéis se disseram donos. “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, rebojavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras” (Ramos, 2024, p. 65).

Traçando um paralelo, semelhante diagnóstico foi dado à Educação. Quem o faz não é Pedagogo, Historiador, Filósofo e/ou similares. Quem o faz, o faz por preconceito, no sentido mesmo de conceituar previamente algo que não conhece. É um juízo embasado apenas em aspectos políticos – politiqueros é um termo melhor – do momento e em aspectos ideológicos de um raciocínio reacionário. Sabemos também que o compromisso primeiro de ministros e secretários de educação são com o gestor que os escolheu. A eles atende primeiro. É o que se dá na realidade do Brasil. O gestor assim diz, o ministro assim faz. O gestor assim quer, o secretário faz.

Assim, faz-se um diagnóstico impreciso, sem bases científicas e por isso fadado ao engano. Em parte nenhuma da obra *Vidas Secas* constatou-se que Baleia estava realmente “doente”. Foi uma suposição, não baseada em evidências, porém hipotética, que Fabiano fez. E, a partir dela, tomou uma decisão: matar baleia para

abreviar-lhe o sofrimento. O quanto foi abreviado – ou prolongado – veremos mais adiante.

E o tiro lhe foi dado.

3 O tiro em Baleia

Diagnosticada Baleia e tomada a decisão de matar-lhe, veio o tiro fatal. A bala certa que leva os últimos minutos à triste existência de Baleia. Todos sentem. Aquela bala fere todos: Baleia e os de casa.

Ouvindo o tiro e os latidos, Sinhá Vitória pegou-se à Virgem Maria e os meninos rolaram na cama chorando alto. Fabiano recolheu-se. E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no quintalzinho da esquerda, passou rente aos craveiros e às panelas de losna, meteu-se por um buraco da cerca e ganhou o pátio, correndo em três pés. Dirigiu-se ao copiar, mas temeu encontrar Fabiano e afastou-se para o chiqueiro das cabras. Demorou-se aí por um instante, meio desorientada, saiu depois sem destino, aos pulos (Ramos, 2024, p. 66).

Baleia titubeia após o tiro fatal. Nada adiantou se esquivar, fugir de Fabiano. Caminha por aqueles terreiros que conhece tão bem. Delira, vagueia, até o último suspiro. Com Baleia sofrem os da casa. Mais uma vez, Graciliano afirma a humanidade de Baleia que, atingida, caminha em dois pés, como o homem.

Defronte do carro de bois faltou-lhe a perna traseira. E, perdendo muito sangue, andou como gente em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo. Quis recuar e esconder-se debaixo do carro, mas teve medo da roda (Ramos, 2024, p. 66).

E no estorvo da morte, Baleia sonha – feito gente – com preás gordos. Sonha feito gente, pois até onde se sabe, aos objetos e animais não foi dada a dádiva de sonhar. Decerto agora os teria em abundância. Essa, a sua crença maior: um paraíso pleno de preás que matarão sua fome. Não passará mais fome. Baleia morre com fome.

Sentiu o cheiro bom dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade (Ramos, 2024, p. 67).

Em seus momentos finais, Baleia pensa em seu algoz: Fabiano. Sente raiva, deseja se vingar, mordendo-o. Mas, em seus últimos instantes, perdoa – feito gente – Fabiano. “Perdoar foi palavra que Cristo escreveu com sangue e os homens ainda estão soletrando”, já dizia Chico Pereira (*in* Nóbrega, 1989). Fabiano era seu amigo de uma vida, desde a primeira hora da sua existência. Com ele passara uma vida ladrando e trazendo o gado, que não era dela e nem dele. Uma vida a serviço de outros, tanto ela quanto ele. Gado que agora não existe mais.

Esqueceu-os e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas (Ramos, 2024, p. 67).

Baleia pensa em tarefas a cumprir e que agora não pode mais. Tinha tanta coisa a fazer, tanto trabalho. E tanta diversão ao lado dos amigos, os dois meninos sem nome de Fabiano. Também amigos desde as primeiras horas da existência deles.

Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles. [...] Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar cabras: àquela hora cheiros de suçuarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinhá Vitória guardava o cachimbo (Ramos, 2024, p. 68).

Baleia morre. Morre não: dorme. Quer dormir. E, dormindo, sonha com os preás. Sonha com Fabiano, sonha com os filhos sem nome de Fabiano. Deseja acordar em um mundo cheio de preás gordos que matarão sua fome.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes (Ramos, 2024, p. 69).

Baleia cambaleia e dorme. E sonha. E sente raiva. E perdoa. Sente a dor dos que estão dentro de casa solidários a ela. Baleia vira vítima. Mais: símbolo de um

diagnóstico indutivo. Imaginou-se que ela estivesse doente. Não foi conclusão metódica, dedutiva.

O mesmo diagnóstico – salvaguardando-lhe as peculiaridades – foi dado à Educação pelos inimigos do saber, da Academia, do livre-pensar. As consequências desse diagnóstico, aponto-las agora.

4 A humanização do caso de Baleia

Assim Graciliano descreveu uma bela – embora triste – passagem da literatura brasileira. A morte de Baleia. Dizer bela e triste não é contraditório. Diz o poeta Nei Leandro de Castro:

A beleza e a feiura
Se encontram em toda parte,
Há beleza até na morte
E feiura até na arte (Castro, 1989).

Afirma Álvaro Lins³, crítico literário pernambucano, que o nono capítulo de *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, em que o narrador descreve a morte da cachorra Baleia, é provavelmente o mais lido e lembrado em toda a obra do escritor alagoano.

Para Álvaro Lins, Graciliano Ramos humaniza Baleia, pois o meio desumanizara Fabiano, Sinhá Vitória e seus dois filhos, que nem nome têm: o mais velho e o mais novo. Assim se expressa Lins:

A relativa humanização da cachorra tem como contraponto a relativa animalização dos personagens humanos. No capítulo 2, feliz por ter conseguido conduzir a família retirante a uma nova fazenda onde os aceitavam, Fabiano diz para si mesmo: “Fabiano, você é um homem”. Mas logo corrige a “frase imprudente” e inverte tudo, até a posição do vocativo: “Você é um bicho, Fabiano” (Lins, 2002, p. 45).

Baleia é revestida de uma “humanidade” mais do que Fabiano e os seus, reduzidos à condição animalésca. Se foram reduzidos, é porque alguém os reduziu e

³ Filho de Caruaru (PE), foi um advogado, jornalista, professor e crítico literário brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras.

esse alguém, Graciliano chama de *A Seca*. A seca e sua conjuntura são responsáveis pela desgraça de Fabiano e dos seus.

Segundo Luiz Eduardo Andrade⁴:

O sertanejo de *Vidas secas* não é visto como pitoresco, sentimental ou jocoso, muito pelo contrário, as agruras do sofrimento causado pela seca o transformaram num ser à beira do “homem-bicho”, que não se lamenta, não fala, nem desiste de viver, porém esmorece como ser humano (Andrade, 2017, p. 26).

E continua:

Baseado ainda no título observa-se também que as relações sociais são limitadas, esbarram sempre na animalização do homem pela natureza, ironicamente a personagem mais humana na obra é a cachorra Baleia, ela adentra em todos os ambientes, intermedia a relação entre Fabiano e os dois filhos, e mesmo quando morre permanece no pensamento de todos da família (Andrade, 2017, p. 26).

Assim analisada, faremos uma ligação entre a história de Baleia e seus aspectos, com a Educação, no que concerne a aproximações e distâncias. Também ferida de morte, a Educação cambaleia, assim como Baleia.

5 Baleia e a educação

Feita essa pincelada sobre a morte da cachorra Baleia, contextualizando-a dentro da obra *Vidas Secas*, tentaremos fazer uma análise educacional, no sentido de a) o que nos ensina a morte de Baleia e b) quais aspectos pedagógicos a morte de Baleia pode encerrar.

Há quem faça, com a Educação, semelhante a Fabiano: um diagnóstico sem evidências. Parte da indução – do particular ao universal – e chega à falsa conclusão: a Educação está doente. Diagnóstico falso que explica os ataques feitos a ela. Baleia não estava doente. Morreu inocente. Semelhante a Baleia, nada indica o diagnóstico de “doente”, feito à Educação.

Assim falsamente diagnosticada a Educação, não se preocupa em cuidar do possível “mal”. Assim também Fabiano não cuidou de Baleia. O que fez foi um

⁴ Extraído do *Blog O escavador*.

arremedo, com um rosário de sabugos de milho queimado, que não cura doenças. Fabiano fez um mal a Baleia, pensando fazer-lhe um bem. Assim, trata-se a Educação. Ataca-a para preservá-la, no que contrário possa parecer essa atitude.

Atitudes positivas que revelam uma pauta de preocupação com a Educação não são realizadas, nem propostas por parte dos que a atacam. Como tudo no mundo, a Educação necessita de melhoramentos, de atualizações. Como tudo no mundo, a Educação possui falhas, lacunas, aspectos que necessitam ser reformulados, ou até extintos. Mas daí a querer desqualificar todo um conjunto, por conta de um aspecto, seria como matar um paciente porque está com gripe ou algo que o valha. Não se ataca o mal que aflige a Educação. Ataca-se a Educação em si mesma, como se ela fosse o mal.

Semelhante a Baleia, a Educação é amiga também das primeiras horas da vida de todo ser humano. Direta ou indiretamente, todos nós somos atingidos, marcados pela Educação. Ela está ali ao nosso lado desde que nascemos. Amiga “de casa”, como se diz aos mais íntimos. Muitos – incluindo todos nós – fizeram, fazem e farão da Educação uma amiga para vida toda. Uma amiga para superar todas as secas da vida.

Atingida Baleia, esse tiro atinge a todos da casa. Sua agonia é a agonia de todos, seu sofrimento é acompanhado por todos. Até por quem atirou nela. Assim também a Educação. Atingida, atinge todos. Sua dor é a dor de todos. Atinge até quem lhe perseguiu, saiba ele ou não, queira ele ou não.

Atingir a Educação é atingir a humanidade mesma. Baleia era a humana em meio a tantas vidas secas. Em Baleia, a humanidade foi atingida. Na Educação, é a própria humanidade quem leva o tiro fatal. Ela, a humanidade, é quem chorará pela Educação, assim como os de casa choram por Baleia. E acompanham, em silêncio respeitoso, seu calvário rumo à morte. Não sem dor. É uma parte de si que se vai. É um pedaço do passado que se extermina. É uma amiga que sofre. A Educação é nossa amiga que sofre, que se vai, que nos causa dor.

A morte de Baleia é o ponto máximo da desumanização que o tempo – físico e psicológico – fez dos homens. Fabiano – também vítima – vitima Baleia. Ele, porém, é a vítima primeira desse processo. Já não é um homem. Já não se considera humano. Ele mesmo se diagnostica: “– Você é um bicho, Fabiano.”

Assim ocorre também na Educação. É o máximo da desumanização dos nossos tempos. Ela que nos humaniza, semelhante a Baleia. Ela que nos lembra que não somos bicho. Vitimizand-a, nós vitimizamos a nós mesmos. E seus próprios atacantes se desumanizam ante tal atitude.

A seca e sua conjuntura fizeram de Fabiano um bicho. Baleia é, na visão graciliana, mais humana que Fabiano. Mais humana que seus filhos. Baleia tem nome. Ter nome é ter uma identidade. Ter nome é ser alguém. Os filhos de Fabiano, nem nomes têm. São somente “O menino mais velho” e “O menino mais novo”, já o dissemos.

O próprio Fabiano, ao se afirmar “- Fabiano, você é um homem”, se nega enquanto homem, quando reconhece “- Você é um bicho, Fabiano.”

O que anda em jogo no momento é a nossa própria humanização. O perigo maior é o de nos desumanizarmos. E o ponto maior dessa desumanização é representado por esse tiro dado na Educação.

A própria tentativa de afirmação se constitui como uma negação dessa identidade ontológica. Negação que precisa ser afirmada “- Fabiano, você é um homem.”. Há que se dizer sempre “- Você é um homem.” A Educação nos diz, constantemente, que somos homens, que não somos bichos. A Educação nos humaniza, assim como Baleia humanizava Fabiano e os seus.

A Educação “é de casa”, como Baleia. Cresceu com os de casa. Convive com eles na lida diária. Porém, o fato de “ser de casa” não impediu que o homem, a partir de um falso diagnóstico, atirasse em Baleia.

A espingarda apontada para Baleia está apontada para a Educação. Apontada pela mesma mão que a disse doente. Baleia não se vê doente. A Educação não se vê doente. Outro diagnóstico não foi ouvido. É Fabiano quem diz: “- Baleia está doente.” São os inimigos da Educação que dizem: “- A Educação está doente.”

E são eles mesmos quem apontam a solução: Matar. Matar para abreviar seu sofrimento.

6 Conclusão: dois tiros

O tiro dado em Baleia lhe atinge nas nádegas. O que equivale a dizer que foi um tiro pelas costas. Fabiano não atirou de frente. Não “olhou nos olhos”. Um tiro só.

Um tiro que não matou Baleia: deixou-a agonizante. Fabiano nem se preocupou em dar-lhe um “tiro de misericórdia”. Deixou-a agonizante, morrendo aos poucos.

Também a Educação é atingida pelas costas, à traição. Sim! Porque os que a atingem são os mesmos que dela se serviram. Não são estranhos. São “de casa”. Semelhantes a Fabiano, deixam-na agonizando.

A diferença consiste em que hoje não se dá um tiro só. Dá-se uma rajada contra a Educação. De todos os lados surgem os diagnósticos de que ela está “doente”. São, semelhantes a Fabiano, diagnósticos precoces. Nada indica que o diagnóstico sobre Baleia estivesse realmente certo. Nada indica que esses diagnósticos sobre a Educação estejam corretos.

E, semelhante a Baleia, a Educação agoniza. Agoniza e pensa, igual a Baleia, em dias melhores. Pensa no quanto há de trabalho a fazer. Como Baleia perdoou Fabiano – amigo das primeiras horas da existência – assim a Educação perdoados os que lhe atingem. Quer, a eles, ainda prestar seus serviços, como Baleia quer ir tanger o gado para o curral, buscar as cabras ao bebedouro.

Similar a Baleia, a Educação “consumiu uma existência em submissão”. Submissa aos mesmos “donos” e “amigos” que lhe querem pôr termo à existência. Ainda assim, não se vinga. Afasta o pensamento nefasto. Não se vinga dos “amigos” das primeiras horas. Não se vinga dos que lhe dão o tiro.

Como Baleia queria dormir! Dormir e acordar em um mundo diverso. Assim também a Educação. Como queria acordar em um mundo diferente. Para Baleia, um mundo pleno de preás gordos que matarão sua fome. Assim também a Educação sonha em acordar em um mundo pleno de “preás” para, diferente de Baleia, matar-lhes a fome. Fome de saber, de humanidade.

Baleia, nesse mundo novo, pleno de preás gordos, lamberia a mão de Fabiano, amiga e obediente. Lamberia a mão daquele que lhe pôs termo à vida. Um Fabiano enorme. Assim, a Educação, amiga e obediente, se curvaria aos seus algozes. E, semelhante a Baleia, mostraria quão errados estão. Andaria lado a lado. Não só do seu algoz. Dos seus filhos também. Como Baleia, com eles se esportaria, numa festa, pelos quintais das universidades do mundo, pelos terreiros das academias do mundo.

A Educação agoniza. Ferida de morte, à traição. Foi diagnosticada em falso laudo de que estava doente. Quem diagnosticou não quis lhe curar. Deu um veredicto.

Decretou sua morte. Atingindo-lhe, atingiu todos de casa, porque a Educação residia na casa, não fora dela, assim como a cachorra Baleia de Fabiano. Ela era “de casa”.

A Educação é vítima da desumanização. É o homem que não se vê mais como homem, não se reconhece mais como humano, que decreta seu fim. É esse homem desumanizado em sua humanidade extinta que lhe aponta a espingarda e dá o tiro. Mas não o tiro fatal. Dá um tiro que a deixa em agonia de morte.

E, na agonia da morte, antes do estertor final, pensa em quanto ainda resta a fazer, inclusive pelo seu dono que lhe vitimizou. Pensa em quanto serviço há ainda a fazer em cima da terra. Perdoa o que mais lhe feriu. Em outro mundo há de lambe-lhe a mão, semelhante ao “sândalo humilde que perfuma/o ferro do machado que lhe corta” como preconizou o poeta Rogaciano Leite (1948).

Em seu livro *Imaginação e Instituição: O Processo de Socialização da Psique Segundo Cornélius Castoriades*, onde analisa o pensamento do psicanalista francês, de origem grega, o Professor Doutor Flávio Carvalho dedica seu trabalho ao seu cão, Tob, nesses dizeres: “Homenageio Tob, meu companheiro fiel, que com sua caninidade, tem me ajudado a repensar minha humanidade” (Carvalho, 2016, p. 8).

Que Tob e Baleia, de existências tão distintas, em suas caninidades, nos ajudem a repensar nossa humanidade. Ela, fruto da imaginação graciliana. Ele, personagem do amor carvalhiano. Ele, o humanizador do Mestre. Ela, a mais “humana” dos personagens de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, a mais inocente vítima da desumanização do meio físico e psicológico. Ele, mais real que ela, que morreu com fome. Ele, que não precisa sonhar com preás gordos. Ela, que foi vitimada por um falso diagnóstico. Ele, que não conheceu a vitimização do homem. Ela, que foi vítima do bicho homem. Ele, que recebe o amor do homem. Ela, a amiga das primeiras horas, que morre e perdoa o amigo que pôs fim à sua existência. Ele, o amigo de todas as horas. Ela, que sonha em lambe a mão do seu algoz, quando acordar em um mundo novo pleno de preás gordos que matarão sua fome. Ele, que lambe, feliz, a mão do seu dono. Pois, como diz Chico Pereira (1989), “o mundo seria melhor se em cada humano pulsasse ao menos um coração de cachorro”.

Referências

CARVALHO, F. **Imaginação e instituição**: o processo de socialização da psique segundo Cornélius Castoriades. Campina Grande: Ed. UFCG, 2016.

CASTRO, N. L. de. **As Pelejas de Ojuara**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira. 1986.

LEITE, R. **Carne e Alma**. João Pessoa: Ed. Ideia. 1948.

NÓBREGA, F. P. da. **A palavra na construção do homem**. João Pessoa: Ed. Ideia. 1989.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. Jandira: Ciranda Cultural Editora, 2024.

Recebido: 25/09/2025

Aprovado: 20/10/2025